

Pós-Modernismo - Poesia

E	U	
P	A	S-
S	O	

	T	U
P	A	S-
S	A	S

E	L	E
	R	A-
L	A	

Pós-Modernismo (Poesia)

1. Açúcar

O branco açúcar que adoçará meu café
Nesta manhã de Ipanema
Não foi produzido por mim
Nem surgiu dentro do açucareiro por milagre.
[...]
Em lugares distantes,
Onde não há hospital,
Nem escola, homens que não sabem ler e morrem de fome
Aos 27 anos
Plantaram e colheram a cana
Que viraria açúcar.
Em usinas escuras, homens de vida amarga
E dura
Produziram este açúcar
Branco e puro
Com que adoço meu café esta manhã
Em Ipanema.

*GULLAR, F. Toda poesia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira,
1980 (fragmento).*

A antítese que configura uma imagem da divisão social do trabalho na sociedade brasileira é expressa poeticamente na oposição entre a doçura do branco açúcar e:

- a) o trabalho do dono da mercearia de onde veio o açúcar.
- b) o beijo de moça, a água na pele e a flor que se dissolve na boca.
- c) o trabalho do dono do engenho em Pernambuco, onde se produz o açúcar.
- d) a beleza dos extensos canaviais que nascem no regaço do vale.
- e) o trabalho dos homens de vida amarga em usinas escuras.

2. Considere as seguintes afirmações sobre o Concretismo.

I. Buscou na visualidade um dos suportes para atingir rupturas radicais com a ordem discursiva da língua portuguesa.

II. Teve como integrantes fundamentais Haroldo de Campos, Augusto de Campos e Décio Pignatari.

III. Foi um projeto de renovação formal e estética da poesia brasileira, cuja importância ficou restrita à década de 1950.

Quais estão corretas?

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas III.
- d) Apenas I e II.
- e) I, II e III.

3. Rios sem discurso

Quando um rio corta, corta-se de vez
o discurso-rio de água que ele fazia;
cortado, a água se quebra em pedaços,
em poços de água, em água parálitica.
Em situação de poço, a água equivale
a uma palavra em situação dicionária:
isolada, estanque no poço dela mesma,
e porque assim estanque, estancada;
e mais: porque assim estancada, muda,
e muda porque com nenhuma comunica,
porque cortou-se a sintaxe desse rio,
o fio de água por que ele discorria.

O curso de um rio, seu discurso-rio,
chega raramente a se reatar de vez;
um rio precisa de muito fio de água
para refazer o fio antigo que o fez.
Salvo a grandiloquência de uma cheia
lhe impondo interina outra linguagem,
um rio precisa de muita água em fios
para que todos os poços se enfrasem:
se reatando, de um para outro poço,
em frases curtas, então frase e frase,

até a sentença-rio do discurso único
em que se tem voz a seca ele combate.

(NETO, João Cabral de Melo. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.)

O título - Rios sem discurso - já apresenta um tipo de metáfora, predominante no texto, que marca um estilo de construção poética. Esse tipo de metáfora está corretamente descrito em:

- a) compara movimentos da água, nos rios, à contestação da seca
- b) opõe aspectos naturais, incontroláveis, à produção do discurso
- c) associa elementos concretos, visuais, a fenômenos da linguagem
- d) aproxima a fragmentação da palavra, estanque, do curso de um rio

4. Leia o fragmento do poema Traduzir-se, de Ferreira Gullar, pseudônimo de José de Ribamar Ferreira, ludovicense, poeta, crítico de arte, biógrafo, memorialista e ensaísta.

Uma parte mim
é todo mundo:

outra parte é ninguém:
fundo sem fundo.
Uma parte de mim

é multidão:
outra parte estranheza

e solidão.
Uma parte de mim

pesa, pondera:
outra parte delira...

Fonte: GULLAR, Ferreira. *Traduzir-te*. In: Ferreira Gullar, *Na vertigem do dia* (1975-1980). Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

Com relação às mudanças ocorridas na sociedade contemporânea, notam-se as contradições entre as relações indivíduo x sociedade, conforme o fragmento do poema. As causas dessas contradições, do ponto de vista sociológico, são as seguintes:

- a) Alienação, associação, capitalismo, consumismo.
- b) Assimilação, consumismo, democracia, conscientização.

- c) Sociedade industrial, alienação, sociedade de massa, mercantilização.
- d) Estratificação, homogeneização, hiper-realidade, altruísmo.
- e) Socialismo, solidarismo, homogeneização, individualismo.

5. Texto I

O meu nome é Severino,
não tenho outro de pia.
Como há muitos Severinos,
que é santo de romaria,
deram então de me chamar
Severino de Maria;
como há muitos Severinos
com mães chamadas Maria,
fiquei sendo o da Maria
do finado Zacarias,
mas isso ainda diz pouco:
há muitos na freguesia,
por causa de um coronel
que se chamou Zacarias
e que foi o mais antigo
senhor desta sesmaria.
Como então dizer quem fala
ora a vossas senhorias?

MELO NETO, J. C. Obra completa. Rio de Janeiro, Aguilar, 1994 (fragmento)

Texto II

João Cabral, que já emprestara sua voz ao rio, transfere-a, aqui, ao retirante Severino, que, como o Capibaribe, também segue no caminho do Recife. A auto apresentação do personagem, na fala inicial do texto, nos mostra um Severino que, quanto mais se define, menos se individualiza, pois seus traços biográficos são sempre partilhados por outros homens.

*SECCHIN, A. C. João Cabral: a poesia do menos.
Rio de Janeiro, Topbooks, 1999 (fragmentos)*

Com base no trecho de Morte e Vida Severina (Texto I) e na análise crítica (Texto II), observa-se que a relação entre o texto poético e o contexto social a que ele faz referência aponta para um problema social expresso literariamente pela pergunta: "Como então dizer quem fala / ora a vossas senhorias?".

A resposta à pergunta expressa no poema é dada por meio da:

- a) descrição minuciosa dos traços biográficos do personagem-narrador.
- b) construção da figura do retirante nordestino com um homem resignado com a sua situação.
- c) representação, na figura do personagem-narrador, de outros Severinos que compartilham sua condição.
- d) apresentação do personagem-narrador como uma projeção do próprio poeta em sua crise existencial.
- e) descrição de Severino, que, apesar de humilde, orgulha-se de ser descendente do coronel Zacarias.

Textos para as questões 6, 7 e 8.

Texto I

Na paisagem do rio
difícil é saber
onde começa o rio;
onde a lama
começa do rio;
onde a terra
começa da lama;
onde o homem,
onde a pele
começa da lama;
onde começa o homem
naquele homem.

“O cão sem plumas”, João Cabral de Melo Neto

Texto II

O senhor tolere, isto é o sertão. Uns querem que não seja: que situado sertão é por os campos gerais a fora a dentro, eles dizem, fim de rumo, terras altas, demais do Urucuia. Toleima. Para os de Corinto e do Curvelo, então, o aqui não é dito sertão? Ah, que tem maior. [...] Enfim, cada um o que quer aprova, o senhor sabe: pão ou pães, é questão de opiniões... O sertão está em toda a parte.

Grande sertão: veredas, João Guimarães Rosa

6. Considerando o texto I, no contexto da obra do poeta, assinale a alternativa correta.
- a) “O cão sem plumas” retrata e denuncia, fundamentalmente, as péssimas condições de vida que o sertanejo enfrenta durante o período da seca.
 - b) No excerto em questão, a linguagem poética ressalta a ideia de que homem e meio se confundem em viscosa mistura.
 - c) O título do poema ganha sentido irônico na medida em que plumas sugere “ornamento, beleza”, atributos ausentes na região nordestina.
 - d) Dos versos pode-se inferir, corretamente, que a grandeza humana resulta da harmonia entre homem e natureza.
 - e) A valorização de um conteúdo explicitamente ideológico, em detrimento da forma estética, é traço marcante na obra do poeta.
7. Considerando o texto II, no contexto da obra do escritor, assinale a alternativa correta.
- a) O diálogo entre o autor e o leitor – O senhor tolere, o senhor sabe ... (linhas 01 e 07) – é traço estilístico de Guimarães Rosa, caracterizado essencialmente pela oralidade e espontaneidade da fala sertaneja.
 - b) Expressões como Toleima (linha 04) e opiniões (linha 07), entre outras, dão um tom humorístico ao discurso e reforçam a crítica do autor à ingenuidade e cultura não-letrada do sertanejo.
 - c) Na fala do narrador-personagem problematizam-se os limites de uma determinada região geográfica do Brasil – o sertão –, formalizando-se, assim, o tema da relatividade dos juízos.
 - d) O fragmento exemplifica o regionalismo de Guimarães Rosa, desenvolvido a partir de um enfoque naturalista, em que se ressalta a cor local – fim de rumo, terras altas, demais do Urucuia (linhas 03 e 04).
 - e) O foco centrado na conversa de dois interlocutores de culturas diferentes – o sertanejo e o senhor – é índice da temática neorrealista que caracteriza o escritor, qual seja, o contraste entre cidade e campo.
8. Considere as seguintes assertivas relacionadas aos dois textos, levando em conta a produção dos respectivos autores.
- I. O caráter literário de I e de II resulta da beleza, concisão e clareza da linguagem utilizada pelos autores para registrar fidedignamente um universo típica e exclusivamente brasileiro.

II. O valor literário de I e II deve-se ao especial tratamento linguístico que confere às palavras sentidos múltiplos.

III. O efeito conotativo dos textos permite dizer que tanto o homem referido em I, quanto o sertão referido em II, transcendem os limites do regional para representarem valores universais.

Assinale:

- a) se todas as assertivas estiverem corretas.
- b) se apenas I e II estiverem corretas.
- c) se apenas II e III estiverem corretas.
- d) se apenas II estiver correta.
- e) se apenas III estiver correta.

9. Sobre o Concretismo, o que é correto afirmar:

I. A visualidade é um dos suportes para alcançar as rupturas com a ordem discursiva da língua portuguesa.

II. Teve como integrantes fundamentais Haroldo de Campos, Augusto de Campos e Décio Pignatari.

III. Foi um projeto de renovação formal e estética da poesia brasileira, cuja importância fica restrita à década de 1950.

- a) Apenas I.
- b) Apenas I e II.
- c) Apenas III.
- d) Apenas II.
- e) I, II e III.

10. Sobre os principais nomes da poesia concretista, assinale a alternativa correta:

- a) Arnaldo Antunes, João Cabral de Melo Neto e Carlos Drummond de Andrade.
- b) Décio Pignatari, Augusto de Campos e Ana Cristina César.
- c) Adélia Prado, Haroldo de Campos e João Cabral de Melo Neto.
- d) Paulo Leminski, Torquato Neto e Carlos Drummond de Andrade.
- e) Décio Pignatari, Haroldo de Campos e Augusto de Campos.

Vem que tem mais!

Leia o poema abaixo:

Casamento

Há mulheres que dizem:

Meu marido, se quiser pescar, pesque,
mas que limpe os peixes.

Eu não. A qualquer hora da noite me levanto,
ajudo a escamar, abrir, retalhar e salgar.

É tão bom, só a gente sozinhos na cozinha,
de vez em quando os cotovelos se esbarram,
ele fala coisas como “este foi difícil”

“prateou no ar dando rabanadas”

e faz o gesto com a mão.

O silêncio de quando nos vimos a primeira vez
atravessa a cozinha como um rio profundo.

Por fim, os peixes na travessa,
vamos dormir.

Coisas prateadas espocam:
somos noivo e noiva.

(Adélia Prado)

(Do livro: *Terra de Santa Cruz*, Rio de Janeiro: Record, 2006. p. 25.)

A autora Adélia Prado se destacou ao final da década de XX por produzir uma poesia engajada e que valorizasse o elemento feminino. Após uma leitura atenta, compare as possíveis semelhanças e/ou diferenças extraídas do texto com o movimento Romântico do século XIX.

Gabarito

1. E
2. D
3. C
4. C
5. C
6. B
7. C
8. C
9. B
10. E

Gabarito “Vem que tem mais”!

Resposta Pessoal.